

0
JURAMENTO DOS NUMES.

D R A M A.

*Istuc est sapere, non quod ante pedes modo est
videre,
Sed etiam illa quæ futura sunt, prospicere.*
Terencio.



Nº 509 - J. C. R.

o

JURAMENTO DOS NUMES.

D R A M A.

*Istuc est sapere, non quod ante pedes modo est
videre,
Sed etiam illa quæ futura sunt, prospicere.*
Terencio.



A D V E R T E N C I A .

ESTE Drama he allusivo á peça que se ha de representar na noite da abertura do Real Theatro de S. João , que tem por titulo = o Combate do Vimeiro = e serve como de Prefacção á mencionada Comedia. He desnecessario lembrar aos Leitores judiciosos , que nas composicoes deste genero , que servem mais para deleitar , que para instruir , não se deve exigir o severo cumprimento dos preceitos Dramaticaes : hajão vista a Voltaire , Methastasio , Molière , Goldoni , e outros , que sendo aliás tão proximos na exacta perfeição das suas grandes obras o não quizerão ser naquellas de que trato.

Se me criminareem á cerca do estilo que sustento hum tanto levantado , e por ventura improprio da Poesia Dramatica , responderei que a locução rasteira he vergonhosa na boca de huma Divindade , e que os objectos grandes devem ser grandemente tratados.

Nil parvum aut humile modo ,
Nil mortale loquar.

Hor. Liv. 3. Od. 20.

O
JURAMENTO DOS NUMES
D R A M A.

Para se representar na noite da abertura
Real Theatro de S. JOÃO em applaus
ao Augusto Nome de

SUA ALTEZA REAL

O
PRINCIPE REGENTE
NOSSO SENHOR,

P O R

*D. GASTÃO FAUSTO DA CAMARA
COUTINHO.*



RIO DE JANEIRO.
NA IMPRESSÃO REGIA.
1813.

Com Licença de S. A. R.

ACTORES.

VULCANO

Domingos Botelho.

VENUS

Estella Joaquina de Oliveira.

A PAZ

Laura Joaquina de Oliveira.

O GENIO LUSITANO *Bernardino José Correa.*

AS TRES GRAÇAS.

Côro das Ninfas.

Côro dos Cyclopes.

Dança dos Cyclopes.

Dança das Ninfas.

A Scena he parte nas faldas do monte Ethna, parte no templo do Heroismo.

A musica he de Bernardo José de Souza e Queirós, Mestre, e Compositor do mesmo Theatro.

As maquinas e pinturas, são do Architecto, pintor, e maquinista do mesmo Theatro, Manoel da Costa.

O vestuario do Alfaiate Antonio Vieira Guimarães.

ELOGIO
A
SUA ALTEZA REAL
O
PRINCIPE REGENTE
NOSSE SENHOR.

Para se recitar na noite da abertura do Real Theatro de S. JOÃO, allusivo ao feliz anniversario de Seu Augusto Filho o Serenissimo Senhor D. PEDRO DE ALCANTARA, Principe da Beira.

*Chi vuol goder degli agi,
Soffra prima i disagi:
Nè da riposo infruttuoso e vile,
Che faticar' abborre,
Ma da fatica, che virtù precorre,
Nasce il vero riposo.*

Guarini, Past. Fid. Acto 4.^o

NÃO se afundão no pelago dos tempos
Feitos preclaros do porvir credores,
Nem, do pródigo Rei usado á Gloria,
O sidéreo fulgor, se apaga e morre;
Mais longe e mais além desdobra a fama

Co'a ferrea voz os cantos reforçados ,
 Mais longe e mais além seu Nome altêa
 E vai com elle reluzir na Esfera :
 De Tito , e de Trajano , herões que vivem
 Annos por dias , seculos por annos ,
 Inda , em memoria , pelo ethéreo espaço
 As funéreas piramides se escondem ,
 Que os raios , que os tufões abaixo escutão ;
 Votadas á virtude , inda hoje brillão ,
 E á sã posteridade , as obras claras
 De Fidias , Polidoro e Praxitéles ;
 Deste modo , Grão Principe , que tendes
 Thronos quatro , do mundo em quatro partes ,
 Cujá base immortal se acosta e lia
 Aos dóceis corações d'immensos povos
 Varios no trajo , no fallar diversos ,
 Deste modo , no trilhão luminoso ,
 Vereda estreita d'ingreme cabeça ,
 Que , ha muito , vos deixou aberto a planta
 Dos Vossos Regios Inclitos Maiores ,
 Ireis subindo ao magestoso alcaçar
 Dos Sóes de Lysia , creador Luzeiro .

Mas em quanto , co'as tubas bronzeadas ,
 Espalhando não vão castallios brillhos
 Do Tejo os Cisnes , candidos e graves ,
 E não cresce co'a Vossa gloria e Nome
 Colósso aéreo que se ri dos Evos ,
 Permitti , que as primicias encetadas
 Do muito que vos deve , hoje vos tenda
 A Nação que do Ceo vos coube em sorte ,
 Neste artefacto que rasteja as sombras
 Dos dois pomposos de Marcello (1) e Balbo ;

(1) Fallo dos magnificos Theatros de Roma ,
 de Pompeo Marcello e de Cornelio Balbo .

Onde, com tudo, a lucida virtude,
 Fechando o mundo em circulo pequeno,
 Rotas as nevoas da calumnia infame,
 Descortina, detesta, e pune o crime,
 Onde a proficua Mimica sciencia,
 Que o berço deve á portentosa Athenas, (1)
 D'entre as cinzas revoca e mostra aos olhos
 Bravo qual fôra, independente e sabio
 O finado varão salvando a Patria
 A preço de suor, vigilia e sangue;
 Onde os homens quaes são, (2) quaes ser lhes cum-
 pre
 Aponta, e mostra, mascabando os vicios.
 Se, com tudo, esgarrado á natureza
 Não pôde o Luso scenico farçante,
 Nos affectos, acções, viveza e modos,
 Imitar os esforços altaneiros
 De Grandval, Montfleury, (3) Eron, Dufresne,

(1) Todos sabem que os Philosophos Athe-
 nienses dezejando tornar, mais persuasivas e sua-
 ves, as verdades da sã Philosophia, derão principio
 ás composições Dramaticas, que se fazião repre-
 sentar em carros pelos lugares mais publicos das
 povoações, como Horacio se exprimio pelos se-
 guintes versos =

Ignotum tragicæ genus invenisse camæna
 Dicitur, et plaustris vexisse poemata Thespis,
 Quæ canerent, agerentque peruncti facibus ora.

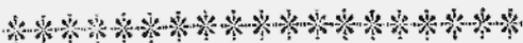
(2) Os habitadores de Esparta (como he sabi-
 do) para fazerem conceber a seus filhos o bem
 merecido horror á intemperança, embriagavão os
 escravos para bailarem, e se fazerem pantomimos
 á vista delles.

(3) Celebres Comediantes Francezes.

Ao menos as fadigas bem lidadas
Acolhei com sereno, e grato aspecto,
Bem como Jove do estrellado Olympo
Gazalha a tenue, cordial offerta;
Dia tão claro, desta graça he digno;
Hoje, q' hum Elo á Bragancina adoba
Se prende, e baixa na sagrada essencia
Do Filho Vosso, e Grão penhor do Throno,
Que promette imitar, inteiro e vasto,
Seus Augustos Avós, que vivem, medrão
Da viva (1) tradição nas aureas vozes,
Que avultando (2) nos Seculos futuros,
Serão sempre os Faróes da Regia Estirpe,
Té que o sópro, que presta a vida e a morte,
Do GRANDE, que do nada tirou tudo,
Apague de huma vez a luz aos astros,
E ao calado embrião se torne o globo.

(1) Viva, na accepção de energica.

(2) Avultar, na accepção de crescer.



O

JURAMENTO DOS NUMES.

*O Theatro representa o monte Ethna , sob cujas
faldas se divisa a Officina de Vulcano.*

ACTO UNICO.

SCENA I.

*Os Cyclopes trabalhando , e cantando. Brontes o 1.º,
Pyracmon o 2.º, Steropes o 3.º os mais Cyclo-
pes estarão repartidos pelas fragoas em
diversos empregos.*

CORO.

VALOR , amigos ,
Ferir nos cumpre
Com força ingente
O Ferro ardente
Que em braza está.

E o som que parte ,
Das ferreas tochas ,
Por invias rochas
Troando vá.

Valcano depois de haver visitado as fragoas , vai-se encaminhando para os tres que cessão de malhar na safra.

Valcano.

Companheiros fiéis que armais a dextra
Do excelso Rei do Olympo omnipatente,
Que o raio atroador que pune o crime,
Forjais , bateis na sonora incude;
Hoje , não vista , não vulgar tarefa
Commette o zelo meu á industria vossa,
Não são por certo as laminas fulgentes
Do encoirado pavez do Grego ardido,
Nem do piedoso Heroe , Romulo tronco,
O tremulo , mortifero , montante
Que no Lacio erigio barreira ao mundo :
De tempera mais forte , e molde novo,
Cumpre-nos aprestar fulmineas armas,
Que os corpos robustissimos adornein
Dos guerreiros Heróes que Lysia cria.
Implorando favor tremendo ás fúrias
Voa branindo a polvorosa Erynnis,
E não farta de haver crestado as flores,
Crestado os fructos com seu bafo immundo
A' mór parte da Europa escrava e curva,
Tenta invadir a bellicosa Plaga
* Onde a terra se acaba , e o mar começa.
Eu , que tenho affeição , que amor conservo
A'quelles que por feitos singulares
Tem ganhado o laurel que a gloria tece,
Não me posso esquecer da Gente Lusa
Que estreitada em terrão opimo e escaco,
Já mal cabendo em si , foi conquistando
Por mar , por terra , incognitos lugares

Não trilhados télli por planta estranha.
 O' briososa Nação! O' Gente illustre!
 Mas inda mais, e mais me obriga e move
 Seu Príncipe feliz, que em throno avito
 Leis dicradas no Ceo, docil promulga,
 E os dias seus sollicito consagra
 A' publica ventura, ao bem de todos.
 Por tanto, socios meus, aos Héroes Lusos
 E áquelles que lhes dão auxilio e mando, (1)
 Britannos Capitães, que o escudo embração
 Contra o largo poder do mundo em armas,
 Aprentemos riquissimos arnezes,
 E a fulminante Espada que não ceda
 Em brilho, em peso ao farpeado fogo
 Que as Ethéreas abobadas abala;
 Armas se prestem a quem honra as armas,
 Dêmos armas a quem transborda em brios:
 Eu inda espero, (e ur que folheio apenas
 As longas margens dos annaes futuros
 Onde a sombria mão do Fado austero
 Eorda os pezares dos mortaes, e as ditas)
 Que estas duas Nações, que hão sustentado
 O jus alheio no equilibrio proprio,
 Venhão a ser hum dia... Oh Ceos! e devo
 Mostrar os elos das cadeias d'ouro
 Que prendem dous a dous troféos, e palmas?
 Não, não me toca, a Jupiter só cabe
 Volver a chave do destino occulto;
 Vamos a trabalhar que o tempo vóa.

Os tres Cyclopes.

Valor, amigos etc.

E o som que parte etc.

(1) Mando militar.

S C E N A II.

*Os mesmos , e Venus.**Venus.*

Digno Consorte meu , tão caro aos Numes ,
 Tão caro á terna Esposa , que insólida
 De agradar-te sómente aspira á gloria ;
 Aqui só por te ver aos Ceos me furto ,
 E aborrecem-me os Ceos quando me lembra
 Que a Mãe vaidosa que te dera ao dia
 (Juno , minha rival , meu odio eterno)
 Tivesse coração com que sofrera
 Que o Rei dos Deoses que nos astros mora ,
 Dos sidéreos assentos te privasse ;
 Oh despiidado Pae ! Oh Mãe tão crua !
 Mas injustiças taes , e agravos tantos ,
 (Iras improprias de celestes peitos)
 Tu sabes premiar proscripto , e leso ,
 Quando das furnas dos Trinacrios montes
 Associado aos Cyclopes cuidadosos ,
 Mandas ao duro Pae , turbado , e oppresso
 A chuva horrivel de sulfureas lanças
 Com que as serras altissimas derrube
 Dos Gigantes impavidos que ousavão
 Escalar as muralhas venerandas
 Dos penetraes do Ceo , morada nossa ;
 Que mais fizera hum coração sensível
 A's magoas paternaes n'um peito grato !
 Graças aos teus serviços que me derão
 Inda mór bem , e solida ventura ,
 Na disputada gloria de gozar-te
 Em laço conjugal , eterno e doce .

Vulcano.

Vãos encomios , incensos lisongeiros ,
 São para mim baldados artificios ,
 Bem sabes , que dos Ceos banido ha muito ,
 Tomei desta officina o regimento ,
 A lida em que me vês he feia , he triste ,
 He grosseira , e grosseiro me ha tornado
 O duro trato dos que vês presentes ;
 O que tens a dizer , dize sem susto ,
 Deixa as ambages que de nada servem.

Venus.

Sim , compassivo Deos , presta-me ouvidos ,
 Que eu principio a narração sincera .
 Tu sabes que os illustres Portuguezes
 Me são caros ha muito , e que os escudo
 Co' o braço inerme que te pede abôno ;
 Bem viste como outr'ora os defendera
 Das Mauritanas , perfidas ciladas ,
 Como a salvo os levei ao porto amigo ,
 Por indulto de Jupiter superno ,
 Depois de haverem ledos amansado
 Tormentas , escarcéos de virgens vagas ,
 Sem que podesse o filho de Seméles ,
 Varias fórmãs tomando , e gestos varios ,
 Dar-lhes sepulcro eterno em praia ignota .
 Mas a inveja cruel de olhar obliquo ,
 Que a si mesma faz guerra , e se devóra
 Quando vê melhorar fortuna alheia ,
 Não cessa , não descança , e teima e volta
 A perseguir de Lysia os moradores ,
 Escoltada por furias sanguinosas
 Que na Gallia gerou monstro implacavel ;

Hoje, Oh dia fatal! hão de medir-se
 Em forças, em destreza, e manha, e brios,
 Co' as carnívoras aguias que atrevidas
 Tem, das testas Augustas arrancado,
 D'algumas, os Diademas luminosos,
 D'algumas, porque os Ceos inda tem olhos.
 Nem perdoando a si, nêem mesmo aquella
 Que o ser, que a vida, e que mil bens lhe dera;
 Ah! que pôde a mortal, terrena especie
 Obrar de acerto quando os erradios
 Passos lhe não dirige a mão Divina!
 A ti consorte meu, a ti compete,
 A ti, que dêste amparo ao Reí dos Numes,
 Dar-lhes soccôrro por que tanto anhelão;
 Verás entãõ como insofridos fervem
 Entre o graniso de fataes pelouros
 Nadando em sangue imigo que avermelhe
 A verde relva do Vimeiro ovante;
 Como invocando o Nome idolatrado
 Do PRINCIPE JOÃO que levão n'alma,
 Voão sedentos por viella estreita
 Que pelo chão da honra á Gloria os guia:
 Mas se a constancia de tão brava gente,
 E a sabia intrepidez te não commovem,
 Se a fortuna, que ás cegas corre, e pára,
 Fados propícios lhes não tem guardado,
 Mereção-te se quer o dom pequeno
 De repellir com força avantajada
 Os duros golpes das Francezas hostes;
 E se inda he muito o que hei pedido, e peço,
 Acabem de huma vez, pereção todos,
 Acabem que são meus, isto lhes basta. (Chora.)

Vulcano.

Hão de vencer , e sempre ; hão de arrojados
 A' ponta da baioneta arremessalas
 Além dos Pirinéos , que ao longe avultao
 Sempre entoados de alcantis nivosos :
 Hão de enturvar-lhe os animos cobardes ;
 Hão de a caterva vil sumir no abysmo ,
 E collocar no throno ermo , e saudoso
 (No throno que não presta assento a outrem)
 Seu devido SENHOR , que em terras longes
 Torna contente o Tropico orvalhooso :
 Ha de o SEXTO JOÃO PRINCIPE Augusto ,
 A par do Grande Rei , que rege os mares ,
 Britanno Coripheo , levar d' hum golpe
 A cerviz venenosa ao monstro ingente ,
 E dar segura Paz ao mundo allicto .
 Porém quero saber que outros motivos ,
 Além desses que ha pouco me allegaste
 Tanto te obrigação , tanto te penhorao ,
 A bem fazer aos Lusitanos Povos ,
 Que te empuxão do Empireo a baixar préstes
 A' medonha morada onde me acito ?
 Quero sabellos pois , se acaso ha outros ?

Venus.

Sem duvida são muitas , e mui graves
 As causas que me poem da parte delles ;
 Pois quando á mente que atropéllão magoas
 Me sobe a triste , luctuosa imagem
 Da Teucra gente , que sorvera a idade ,
 E sisuda examino , e em fim cotejo -
 Do Lacio e de Ullissea , as Naçoens duas ,
 Noto que em tudo nobres se assemelhão ,

Nos costumes, e leis, idioma, e trato,
 Nos gestos, nas feições, e garbo, e tudo;
 Olha bem como até nos fados turvos
 Correm parellhas as Nações lustrosas;
 Como aquella depois da Patria em cinzas
 A vida entrega aos ventos, e vai logo
 Firmar seu mando no terreno Ausonio;
 Como esta, ameaçado o lar nativo
 Pela fera dobrez da Gallia indigna,
 Demanda o pólo austral, e vai na rôta
 Do magnanimo PRINCIPE, que firme
 Se embrenha pelas ondas marulhosas
 Em menoscabo de Neptuno, e Eólo;
 Té que chegando ás praias fortunadas,
 Que o famoso Cabral pisou mais cedo,
 Arreiga o Imperio seu, que ha de ser inda
 Atalaia, e farol do mundo inteiro;
 Vê como té nos titulos se ajustão
 Os dignos Chefes das Naçoens preclaras,
 Fundadores d' Imperios dilatados,
 Ambos de sangue Divinal nascidos,
 Ambos piedosos, justiceiros ambos.

Vulcano.

Basta, que tudo sei, não mais prosigas...
 Ceos! que terão comigo acções pasmosas,
 Feitos illustres de renome eterno,
 Que só de ouvillos se asfogueia o rosto,
 E pula, e cresce o coração no peito!
 Deixa ao meu braço a gloria de servillos,
 Sobe ligeira aos Ceos, que hei pressa á obra.

Venus.

Em penhor da promessa em que confio,
Dá que em meus braços tremulos te aperte,
(Abração-se)

E selle o voto a gratidão sincera.
E vós, fieis artifices, que tendes
(Voltando-se para os Cyclopes)

Dado começo á Marcial tarefa,
Não ficareis sem premio avantajado;
Ninfas quatorze, que a meu cargo tenho,
De tez nevada, e pudibundas faces,
Hão de ser para vós (1) hão de ser vossas;
A ti, Brontes feliz, darei Deiopêa
Que a todas sobresahe em formosura,
De corpo elegantissimo, e soberbo,
E, deste festival doce consorcio,
Novas estrellas nasceráo que esmaltem
O solio magestoso ao Rei dos astros;
Tanto prometto, e cumprirei bom grado.
Vai-se.

Brontes.

A R I A.

Do nosso braço,
Que os Ceos defende,
A sorte pendê
De Portugal.

b

(1) Juno usa destas expressoens quando implo-
ra o soccorro de Eólo.

Eia forjemos
Os diamantinos
Terçados finos
De brilho igual.

Que a Mãe das Graças ,
Formosa e nua ,
Protege a sua
Nação leal.

Voluem os Cyclopes a trabalhar.

Valor amigos &c.

E o som que parte &c.

Brontes.

Mas subão mais leves
Os malhos pesados ,
E mais apressados
Os golpes se dêm.

Os dous repõem.

Brontes.

Mas certos , mas certos ,
Que assim não vai bem.

Os dous.

Pois mais apressados
Os golpes se dêm.

Brontes dando o compasso.

Tatató, tatató, tatató,
Assim devem bater á porfia.

Os deus.

Tatató, tatató, tatató,
Assim vamos batendo á porfia.

Brontes.

Oh que bella, que doce harmonia
De acertado compasso o melhor.

Os deus repetem.

Brontes.

Dêem prêssa ao que fazem
E tragão, e levem
Os ferros que devem
Na guerra servir.

Cuidado nos golpes
Que vão falseando,
Quando hum fôr baixando,
Deve outro subir.

Movem-se os Cyclopes com presteza, e dá principio o baile do primeiro intervallo.

S C E N A III.

*Vista de bosque , onde haverá hum arbusto que
prêste assento á personagem que entra.*

Paz.

QUE não possa encontrar na terra abrigo !
Eu que a bem dos Mortaes baixei do Empireo
Do seio immenso do Monarcha eterno !
Próle minha infeliz , sciencias , artes ,
Candidos fructos que nutri vaidosa ,
Quando os não via o facho fumegante
Que a mão das Furias accendeo no averno ;
Vós , penhores da Paz , vós , bens celestes ,
Que além da natureza , e a par dos Nunes
Tendes mil vezes elevado os homens ,
Hoje sois (ai de mim !) ai filhos tristes !
Por vossos duros , barbaros inventos ,
Que a fatal ambição tem posto a geito ,
Peste , ruina , e corrupção dos povos .
O' barbaras Naçoens , que indignamente
Haveis de cultas grangeado o nome ,
Vossas proezas de ignominia prenhes
Hão de ser o labéo da especie vossa ,
Hão de com vosco sem lauréis , sem palmas
Pela noite dos tempos esconder-se ,
Que o merito moral vos tolhe o applauso ;
E este a que vós chamais sem dor , sem pejo ,
Aureo , ditoso seculo de luzes ,
Talvez bem poucos lustros postergando
O seculo de trévas se appellido .
Eis-me aqui assustada , e foragida
De clima em clima , por sertoes errando ,
Sem que hum momento de prazer me caiba ,

Sem throno , sem altar , sem dons , sem culto :
 Vós , brutos animaes , vós sois quem ternos
 Doce guarida me ha prestado ao menos ,
 Vós , a quem nega o previdente Olympo
 Aguçosa rasão , saber profundo ;
 Ah ! Mesquinhos mortaes , envergonhai-vos !
 Mas que subito horror me tolda a vista ,
 Me apalpa o coração é o prende , e aperta !
 Ceos espaçosos a quem toca , e cumpre
 Fraternalizar os animos discordes ,
 Dai-me o soccorro que impetrar não posso (1).

Coro dentro.

O Rei que os astros regula ,
 Que humilde o potente faz ,
 Dê justo prémio á Virtude ;
 Dê seguro asilo á Paz.

Paz levantando-se.

Que não possa encontrar na terra abrigo ,
 Eu , que nos dias da priméva idade
 Meu Imperio alonguei d'hum pólo a outro !
 Insignias , que me ornais sem gloria a fronte ,
 Que as mãos inuteis me prendeis de balde ;
 Emblémas festivaes , simbolo grato
 D'unanime-concordia indissolúvel ,
 Vós não sois para mim , nem de vós cuido : (2)
 Do que fui , ao que sou desdigo em tudo ,
 Chimérico fantasma que deseja

b iii

(1) Assenta-se , reclinando o corpo sobre o mesmo arbusto.

(2) Deita fóra as insignias com desprezo.

Fugir da luz ás mortuosas sombras,
E que surdo a meus ais, cego a meu pranto,
Hum Deos que tudo vê, meus ais não ouça!..

S C E N A IV.

O Genio Lusitano que entra.

NÃO te lastimes mais, não desesperes
Formosa Diva, desejado enleio
Dos Imperios, e Reinos opulentos,
Que os Deoses que nos orbes sempre em giro
A's vezes por mistérios venerandos
As rédeas do poder supremo afrouxão,
Condoidos de ti, dos teus, do mundo,
Do mundo que em vulcões se rasga, e ferve,
Mandão aos sabios Reis, aos Reis amigos,
Aos dous Monarchas, de Britannia, e Lysia,
Que os braços potentissimos distendão
Em meio aos combros do sanguineo lago,
Que o mar, que a terra em borbotões torneão,
Té que sobre troféos de eterna dura,
E sobre imigos sordidos cadav'res
O templo teu se eleve, e qual já fora
Torne outra vez a ser, pomposo, e pio;
Não desesperes pois, que amigos fados
Os campos do Vimeiro hão de outorgar-te.

Paz.

Que semi-Deos se atreve a prometter-me
O que os Deoses t'equi me hão denegado?
Acaso serás tu?... oh Ceos! que observo!
Serás.....

Genio.

O Nume tutelar dos Lusos,

Aquelle que defende, ampara e guia
A guerreira Nação, que invicta, e sabia
Se tem da lei da morte libertado,
Que tão pequena em numero não teme
As bravas iras da bifronte Gallia:
Alegra-te; e de novo assombra, e cinge
De virente laurel a fronte augusta (1).

Paz.

O' Genio defensor dos Lusitanos,
De tão digna Nação guarda mais digno,
Que ousaste penetrar a estancia escura
Onde continuo horror me enluta a vista
Ha mais de quatro retardios lustros;
Da tua grata voz consigo, e colho
O fausto annuncio de propicia estrea:
Só reservado a ti, guardado aos Lusos
Fôra o bem de lançar com vivo arrôjo
Do templo meu a lapida primeira,
Do templo meu que derrocado havia
A sanha horrivel d' Hiperbóreos tigres,
Ah! quem podesse

Genio.

Em frivolas delongas

Não se desperdice o tempo que promette
Desenvolver a bem da Lusa Estirpe

(1) Colhe do chão as insignias, que lhe poem
na cabeça, e mãos.

Nova série de lucidos successos ;
 Se pertendes de todo gloriar-te ,
 E pôr baliza extrema ao teu desejo ,
 Corre comigo ao sacrosanto Alcaçar
 Do supremo Heroismo , e verás nelle
 Raiar sobre montões d' igneas estrellas
 A scintillante Effigie portentosa
 Do Monarcha maior que hão visto as Eras.

Paz.

Do Primeiro, talvez, ou Quinto Affonso? . . .
 Do Terceiro João? ou do Pae deste
 Do Grandioso Manoel o afortunado,
 Que sobre todos o Diadema exalça
 Esmaltado das pérolas do Ganges,
 Dos sanguineos rubis, e dos diamantes
 D' ambas as Indias, que abrangêo co'a sombra?

Genio.

De nenhum dos que apontas veneraveis
 Sob'ranos d'alto Nome, e fama eterna,
 Ora verás a Effigie assemelhada;
 He do SEXTO JOÃO, que após de tantos,
 De tantos, e taes Reis eleva o Sceptro
 De assombrosos prodigios carregado,
 Quando pensavão que na historia Lusa
 Não terião lugar feitos mais nobres;
 He Elle o que primeiro aos Reis ensina
 A curtir as tormentas fadigosas
 Que a furia de Neptuno assanha, e augmenta,
 Traspondo illêso os tropicos chuvosos,
 Limites entre os quaes Phebo passêa;
 Eis-aqui novo assumpto extenso e fertil,

Que de Clio, e Calliope merecem
Desenlear os canticos celestes
Que dêem longo rebombo além dos tempos;
Vêm por tanto comigo, eu te conduzo
A ver de perto o semi-Deos de Lysia,
Verás como seu rosto fulgurante
Chove prazeres sobre a gente sua.

Paz.

Guia-me, ó Nume.

Genio.

Eu te dirijo, ó Diva.
(Vão-se.)

SCENA V.

*Vista do Monte Ethna, vem-se pelos porticos das
furnas, algumas armaduras Portuguezas.*

*Os Cyclopes trabalhando, e Vulcano como que an-
da registando a obra já feita.*

Os tres Cyclopes.

Valor amigos &c.

E o som que parte &c.

Genio, que entra.

FILHO de Juno, artifice Divino
A quem foi dado o cansativo empenho
De armar de Jove o braço avermelhado,
Tu que animaste o cão de bronzes membros,

Que o Palacio do Deos que espanca as trevas
 D'oiro maciço, fabricaste outr'ora,
 Tu me ostenta as Mavorcias armaduras,
 Que, a pedido da Cypria Divindade,
 Forjadas torão por teu sabio aviso,
 A prol da gente que protejo, e guardo.

Vulcano.

Eillas aqui por ordem penduradas, (*apontando*)
 Tudo já prompto está; estas primeiras
 De chapa diamantina, e tissu d'oiro
 São do Grande Welleslev, por quem desprende
 A pennigera Deosa de cem linguas
 Por cem bocas de ferro a voz inteira.
 Além vés os dois elmos emplumados
 Dos dois Freires Irmãos, que não receião
 Perder por entre fumo, e fogo, e ferro
 A bem da Patria as vidas fugidias.
 Aqui tens de Forjaz, discreto, e grave,
 O triplicado arnez de estreita malha,
 Varão que até dormindo estuda e vêla,
 Que a mente emprehendedora altêa e manda
 A vêr de perto os pósteros segredos.
 Olha bem por miudo esta armadura
 Do terrivel Silveira que lacera,
 As bravas Hydras de que abunda a França.
 Est'outra mais a cá he de Trigoso
 Que tem lavrado os coloridos campos
 Co'a espada, e penna, de Minerva e Marte.
 Ali reluz a tresdobrada cõta
 Do grande Bacellar, que ardendo em gloria
 Rodea o ferro que troveja, e brilha.
 Ess'outras mais que vez são de Piçarro,
 De Rego, de Sepulveda, e do forte

Canavarro, e de muitos celebrados
Illustres Campeões de esforço e arte (1).
Não posso graduar prolixo, e exacto
O Marcial valor d' Heróes tão raros,
Pois que aos p'rigos se arrojão por taes modos
* Que nenhum dizer pôde que he primeiro.
Agora pôdes . se te apráz, á frente
De alguns dos meus, levar esse arnamento,
Que mancha pouco a pouco, e damna, e perde
O fumoso clarão sulfúreo, e tardo
Desta nossa officina.

Genio.

Eu o conduzo,
E o levo ao templo sancto do Heroismo,
Que as arcadas multiplices escóra
Sobre os robustos bem formados hombros
Das prestantes virtudes que encaminhão
O Baixel dos mortaes no mar do mundo.

Vulcano.

Se dás que te acompanhe, eu vou contigo?

Genio.

Bom grado, excelso Deos.

Vulcano.

Amigos, presto
Tirai, trazei as armas que fizemos,
Vamos, mas de vagar.

Genio.

Como te agrade.

(1) Declaro que me refiro, em tudo, aos Heroes mencionados na Comedia do Combate do Viñeiro, representada nos Theatros de Lisboa.

SCENA ULTIMA.

*Vista do Templo do Heroismo, no fundo do qual,
em prospecto, se divisa o Retrato de S. A. R.*

O PRINCIPE REGENTE Nosso Senhor.

Apparecem todas as personagens do Drama; o Genio Lusitano, e a Paz occupão o lado direito das aras; Vulcano, e Venus o esquerdo; os tres Cyclopes, e as tres Graças ficão por detraz de Vulcano e Venus, nos seus respectivos lugares; os mais seguem para diante como lhes cabe.

A R I A.

Cantada por huma das Graças.

PRINCIPE Augusto,
Astro luzente,
A vossa gente
Vinde alegrar.

Baixai das nuvens,
Numen sagrado,
Que o nosso fado
Vai melhorar.

Que, as nossas penas,
Festivas scenas
Vão terminar.

*Coro dos Cyclopes , respondendo aos accentos
da aria precedente.*

Depois da horrivel
Procélla fêa ;
A luz Phebea
Vemos raiar ;

E as sombras tristes
De névoa espessa
Já vão depressa
Descendo ao mar ;

Zefiro brando
Vem adejando
De lar , em lar.

*As Ninfas , e os Cyclopes , que poem sobre as aras
as armaduras Portuguezas , vem cantando o
seguinte.*

C O R O .

A's armas Lusos ,
Eriosa Gente ,
Que o Ceo clemente
Vos dá favor.

Trilhai da gloria
Os sãoos caminhos
Por entre espinhos
De viva dor.

O' ireis subindo
Com rosto enxuto,
De fruto, em fruto,
De flor, em flor.

*Findo este Còro, dão principio as danças do 2.º
intervallo.*

Genio, voltando-se para o Retrato de S. A. R.

J U R A M E N T O.

Perante a vossa Effigie augusta e sacra,
Vasto Sob'ano de Nações diversas,
Cujo braço ostentoso alcança, e rege
Os Hemisferios dois co'as redeas fulvas;
Perante a vossa Effigie, e sobre as aras
Onde eterno fulgor as nuvens doira
Juramos pelo escuro Estigio lago, (1)
Nós, do Grão Rei dos Reis, familia e sangue,
Que os Póvos de Ullissea esclarecidos
Inquietados serão, mas não vencidos.

Puracmon (recitado.)

PRINCIPE Excelso, que regeis clemente
O mundo antigo, e novo,
Da Plaga occidental ao Sol oriente
De variado Povo;
Volvei benigno os paternaes luzeiros
A's inclitas Phalanges d' Ullissea,
Vereis Heróes Guerreiros

(1) Poem as quatro Divindades as mãos nas
aras.

Que affrontando a terrivel morte fêa
Gritão d'estros co' a espada sempre em uso
VIVA o SEXTO JOÃO REGENTE LUSO.

Os Cyclopes.

Salve PRINCIPE excellente ,
Salve ditosa Nação ,
Que dais ao mundo opprimido
A suspirada união.

As Graças.

De Grandes successos ,
A mão justiceira ,
Vos abre a carreira
D' eterno clarão.

Os Cyclopes.

Salve PRINCIPE excellente ,
Salve ditosa Nação ,

As Graças.

Que dais ao mundo opprimido
A suspirada união.

Os Cyclopes.

Nos fastos brilhantes
De Lysia incansavel ,
Será memoravel
Hum SEXTO JOÃO.

(32)

As Graças.

Salve PRINCIPE excellente,
Salve ditosa Nação,

Todos.

Que dais ao mundo opprimido
A suspirada união.

F I M.

